



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÍDIA GOBATTO KARL**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-43

**Entrevistado:** Lídia Gobatto Karl

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Luanda Dutra e Renato Truz

**Data da entrevista:** 12/10/2003

**Transcrição:** Vicente Cabrera Calheiros

**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros

**Copidesque:** Caroline Canabarro

**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros

**Fitas:** (01 fita) 43/01-A

**Total de gravação:** 30 minutos

**Páginas Digitadas:** 17

**Catalogação:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01952/2008/01

**Número de registro da fita:** 01952/2008/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

KARL, Lídia Gobatto. *Lídia Karl (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Início com o remo; envolvimento com clubes; participação das mulheres no remo; apoio da família; participação em competições nacionais, internacionais; envolvimento com seu marido; nomes de destaque do remo; visibilidade na mídia, público; trajeto das regatas; como aprendeu a nadar; ginástica escolar.

Porto Alegre, 12 de outubro de 2003. Entrevista com Lídia Gobatto Karl, a cargo dos entrevistadores Luanda Dutra e Renato Truz, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.K. - Eu gostaria de saber como é que vocês gostariam de começar. Sabendo o que? Vamos ver.

L.D. - Como é que a senhora entrou no esporte?

L.K. - Eu praticamente não entrei no esporte... O remo foi por um acidente, porque a gente era... A Luci<sup>1</sup> era namorada do Amorim<sup>2</sup>, eu era namorada do Walter<sup>3</sup>. Então a gente foi fazendo um grupinho assim por diletantismo, mas não durou muito nosso grupo. Acho que um ano mais ou menos. Uma vez fomos a Rio Grande<sup>4</sup> e remamos com um grupinho que tinha lá também em Rio Grande e, perdemos naturalmente, porque elas eram muito mais treinadas do que nós. Foi muito interessante, mas não durou muito.

L.D. - Mas os namorados de vocês eram diferentes? Por que homem deixar a mulher remar?

L.K. - Os namorados. Não, mas eles faziam questão, eles que nos incentivaram. A gente nem tava muito afim, mas eles: “Não, vamos fazer um time de moças aqui e tal” e conseguiram lá das ilhas, perto do Barroso<sup>5</sup>. Não sei vocês conhecem o Barroso? Não sei nem se existe ainda.

L.D. - Existe o clube Barroso está no Parque Náutico.

L.K. - É. Nem sei no Parque Náutico, mas era na ilha ao lado do União<sup>6</sup>. O União tem aquela parte da ilha numa ponta e a outra ponta era do Barroso. Tinha uma sede muito bonita, de madeira listrada branca e azul, era linda. Naturalmente queimou. Eu gostaria de

---

<sup>1</sup> Luci Amorim

<sup>2</sup> Manoel Amorim

<sup>3</sup> Walter Gehrardt Hubert Karl

<sup>4</sup> Cidade litorânea do sul do Rio Grande do Sul

<sup>5</sup> Clube de Regatas Almirante Barroso, fundado em 26 de fevereiro de 1905.

ver... Aqui ó [entrevistada mostra uma foto] olha essa sede como era bonita. Era branca e azul. Cheio de objetos de bronze, de troféus. Que os remadores deixaram lá... Aliás, onde é que foi para aquilo?

L.D. - Queimou tudo?

L.K. - Eu não sei se os troféus queimaram ou não, mas...

L.D. - Sumiu?

L.K. - Sumiu! O Barroso assim... Praticamente eu acho que nem existe mais, não sei. Nunca mais fui lá mesmo, nem tenho tempo por que. Não sei nem... Antigamente tinha uma barca que levava e tudo. Agora não sei se ainda existe isso tudo. Se existe ainda uma diretoria, não tenho a menor idéia.

L.D. - Não a ilha do Barroso não tem mais.

L.K. - Pois é, eu acho que não tem mais nada lá. O que tem, tem no Parque Náutico, uma coisinha de nada lá. Pois é uma pena.

L.D. - Dona Lídia, como é que foi assim... Porque as mulheres não praticavam muito esporte assim, ainda remo que era um esporte...

L.K. - É, remo é um esporte pesadão, porque... É pesado, é difícil o remo. Mas, claro a gente não tinha a força que os rapazes tinham, mas a gente ia levando.

L.D. - E os pais de vocês não falaram nada?

L.K. - Bom, eu já não tinha mais meus pais. Ela já... A Luci não sei se já não era casada nessa ocasião. E eu não morava ainda com um irmão meu. Meus pais já tinham falecido. E jamais... Minha mãe mesmo era uma pessoa muito moderna, embora era alemã então, vocês podem imaginar, ela era uma pessoa muito aberta para essas coisas, ela não teria

---

<sup>6</sup> Grêmio Náutico União. Fundado em 1º de abril de 1906.

achado ruim não. E as outras todas eram de origem alemã, essa também [mostra fotografia] a Rose Reps<sup>7</sup> e os pais moravam em Lajeado<sup>8</sup>, ela morava aqui, a Luci acho que era casada nessa ocasião. A Ilsa<sup>9</sup> não... Era também Koch, também de origem alemã. Sabe, os alemães são assim muito abertos para esporte, eu não sei se vocês concordam comigo ou não, mas de modo geral são e não estranham este tipo de coisa, então grupo todo... Eu não sei, a gente topou, todo mundo topou, fomos remar, os barcos... Os rapazes punham o barco para nós na água.

L.D. - Ai, que chique!

L.K. - Tiravam da água. Porque era brincadeira, era pesado isso aí.

L.D. - E esses uniformes como é que vocês conseguiram?

L.K. - Ah! Isso a gente, sei lá, nós mesmo que...

L.D. - Bolaram.

L.K. - Eu nem me lembro como é que surgiu, eu sei que pusemos o “B” do Barroso aí na frente e, era simples tu vê, uma camiseta branca e um bonezinho de marinheiro que nós tínhamos todas iguais.

L.D. - Vocês estão todas muito bonitas nessa foto aqui. Bem “estilosas”.

L.K. - Deixa eu ver uma coisa aqui.

L.D. - Tu sabe Dona Lídia se vocês foram as primeiras mulheres a tomar essa iniciativa ou já tinha gente remando?

L.K. - Ah, tinha as meninas da Ilha, eram moças que moravam na Ilha e remavam por necessidade, porque elas se deslocavam de barco, não é? Era uma coisa comum isso para

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>8</sup> Cidade localizada no Vale do Taquari, no interior do Rio Grande do Sul

elas. Mas não era barco a remo. Mas aí então, como tinha que ter outro grupo para gente poder competir, então a gente forneceu, o clube forneceu para elas os barcos, os remos e tudo, e elas remaram direitinho, remavam bem até, muito melhor que nós, porque elas eram mais forçadas, mais parruda [risos].

L.D. - Mas nenhum outro clube tinha?

L.K. - Não, nenhum outro clube. Nenhum outro clube! Nessa ocasião, não! Depois não sei se algum clube teve um grupo de moças eu não me lembro, mas nessa ocasião tinha em Rio Grande eu te disse. Em Rio Grande havia um grupo que eu não me lembro mais qual era o clube lá, mas tinha um grupo de moças que remavam lá, nessa ocasião. Tanto que fomos a Rio Grande uma ocasião fazer uma competição no mar.

L.D. - No mar?

L.K. - É, no mar! Mas eram águas paradas assim, não era nada de ondas, de coisa. Nem lembro mais muito com detalhe, mas sei que foi bem interessante, sabe?

L.D. - Vocês chegaram a competir?

L.K. - Em Rio Grande chegamos a competir e aqui acho que chegamos a competir também numa ocasião. Não sei, não me lembro mais.

L.D. - Tinha os Jogos Abertos Femininos<sup>10</sup>.

L.K. - Não, mas não assim nesse tipo de coisa. Não, não, não. Era assim, eles faziam isso lá no clube. Saía do clube iam até um certo ponto, a gente ia só 500 metros, uma coisa assim. Porque eles faziam mil, dois mil metros, nem sem quanto. Não, nós era coisa pouca [risos], a gente não agüentava muito.

L.D. - Vocês não quiseram continuar depois?

---

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>10</sup> Evento esportivo que acontecia, anualmente, em Porto Alegre entre 1954 a 1963

L.K. - Não. Depois a Rose foi para São Paulo<sup>11</sup>, essa menina aqui também ela. A Ilza depois casou com um rapaz, um holandês, que ela conheceu tomando banho no Rio Guaíba<sup>12</sup>, nadando. Porque se tomava banho no rio Guaíba. Meu marido conta que eles saiam para remar de manhã cedo, eles remavam todos os dias. Quatro, cinco horas da manhã, remavam antes de trabalhar. E eles iam fazer um café com a água do Guaíba. Sim, senhora! Tomavam água do Guaíba e então essa minha amiga nadava na frente do clube, aí ela conheceu... Tinha um navio holandês. Ela conheceu um rapaz do navio, era um engenheiro mecânico, não sei o que, que era lá. E, pois olha, casaram um casamento que deu certíssimo, até hoje vivem muito bem, eles moram no Paraná<sup>13</sup>. Ele trabalha em construção de fábricas, de coisas assim. Ele trabalhou na Batavo<sup>14</sup> muito tempo. Depois a Batavo foi vendida, ele saiu de lá e agora ele andou na Bahia<sup>15</sup>, agora está em Mato Grosso do Sul<sup>16</sup>, mas ela continua morando lá.

L.D. - Vocês mantêm contato ainda?

L.K. - Mas muito! Ela vem sempre no meu aniversário à Porto Alegre<sup>17</sup>. Temos contato, esse telefone ela me conta, agora ela é muito ativa. Eles tem uma casa muito boa lá. Construíram uma casa bem boa, tem dois filhos. Um está na Holanda trabalhando para a Perdigão<sup>18</sup> e o outro está aqui no Brasil, ele se especializou em cultura de batatas, ele é engenheiro agrônomo. É, eles moraram também na Holanda, então eles conhecem bem. E a Ilza ela começou fazendo criação de porcos, então ela ganha um porquinho pequeninho e cria, e depois devolve para, não sei se Perdigão, Sadia<sup>19</sup> para essas firmas que trabalham com carne suína. Mas ela diz que rende muito pouco, agora ela começou a plantar soja. E agora está ganhando dinheiro [risos]. Mas olha, é uma pessoa ótima, gostaria que vocês tivessem contato com ela.

L.D. - Quando é a data do seu aniversário?

---

<sup>11</sup> Estado Brasileiro

<sup>12</sup> Rio localizado em Porto Alegre

<sup>13</sup> Estado Brasileiro

<sup>14</sup> Empresa de alimentos fundada por três famílias holandesas, em 1911 no Paraná

<sup>15</sup> Estado Brasileiro

<sup>16</sup> Estado Brasileiro

<sup>17</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>18</sup> Companhia de alimentos, fundada em 1934, na cidade de Videira, Santa Catarina

<sup>19</sup> Empresa alimentícia, fundada em 1944 no oeste Catarinense



L.K. - É junho!

L.D. - É junho?

L.K. - É, oito de junho. Ela sempre vem aqui porque a mãe dela também faz nessa época, parece que nove ou dez de junho. Então ela sempre vem.

L.D. - E o seu marido, a senhora lembra como é que ele entrou?

L.K. - Entrou aonde?

L.D. - No Barroso, para remar?

L.K. - Deixa eu pensar um pouquinho como é que foi... O meu marido, ele tinha uma educação muito rígida da família dele, os pais eram alemães, alemães mesmo. Eles vieram adultos da Alemanha. O pai dele era técnico em vitrô, trabalhava na Casa Genta<sup>20</sup>, desenhava muito bem, fazia vitrô para igrejas e coisas assim. Mas era um velho meio durão sabe, então ele foi convidado por um amigo, agora eu não estou me lembrando, não foi o Amorim foi outra pessoa que, para levar ele a remar, porque ele era muito alto e muito magro. Ele tinha um metro e noventa e seis e os meus filhos tem um metro e noventa e cinco quer dizer que [mostra fotografia].

L.D. - A mãe é a única pequeninha!

L.K. - Está lá a família, ó. A única pequena sou eu. Aqui tem outra da turma do feminino [mostra fotografia]. Mas ele era realmente muito magro e era assim sabe, altíssimo e não tinha corpo. Então um amigo disse assim: “Não, vamos começar a remar e não sei o que”. Então ele foi e a turma lá... E foi para o Barroso. Então ele era... Eu sei que do grupo ele era dos mais jovens, que tinha o Rovinski<sup>21</sup>, o Fusquine<sup>22</sup>... O Fusquine vocês não?

---

<sup>20</sup> Tradicional fabricante alemã de vitrais, após a 1ª Guerra Mundial mudou-se para o Brasil com todo os seus equipamentos e pessoal técnico e instalando-se em Porto Alegre.

<sup>21</sup> Luiz Rovinski

<sup>22</sup> Henrique Fusquine

L.D. - A gente... Eu tentei ligar para ele, mas eu não consegui.

L.K. - Ele não te deu entrada?

L.D. - Não, ele me deu, ele disse que queria receber, mas acho que ele viajou. Porque eu ligo agora e o telefone dele está fora de...

L.K. - O Fusquine também sabe muito do remo. Ele lidou sempre com o remo ele, o Fusquine. Eles eram assim meio dirigentes, então não eram só Barroso, eram... Mas eles remavam também. O Rovinski não sei, mas o Fusquine eu tenho certeza que remava também. Bom, e aí ele foi, exatamente quem levou ele para o remo eu não sei te dizer. Eu sei que ele começou a remar, ele remou os dois, o quatro, ele remou o oito, ele remou todos os tipos de barco, ele só não remou o *skiff*, ele não gostava, que era sozinho. Ele queria sempre remar com outros colegas. Porque aí saiam em turma, faziam o tal do café com a água do Guaíba e aquela coisa toda. E ele encontrou, nesse meio tempo ele encontrou o Amorim lá e eles se deram muito bem, porque o meu marido era um pouco tímido, quieto e o Amorim era assim, uma explosão, um português falador, brincalhão, medonho, então se deram muito bem e começaram a remar juntos e eles continuavam remando quatro, oito e tal mas eles se especializaram mesmo no dois com.

L.D. - Com timoneiro.

L.K. - Dois com timoneiro e dois sem. Esse aqui do segundo lugar no Pan-americano, não sei se é no dois sem, parece que é no dois sem. [mostra fotografia].

L.D. - Deixa eu ver.

L.K. - Não diz o tipo de barco aqui? “*El gran equipo dos remos largos*” sem timoneiro. Sem timoneiro. Mas eles remavam também com timoneiro, eles remavam vários tipos assim, mas eles então se especializaram nisso. E eu me lembro que na... Eu não sei quando que houve a Olimpíada de Melbourne, na Austrália, foi 1954 por aí, 1952 não sei.

L.D. - Acho que foi 1952. Não sei.

L.K. - Não vou te dar o dado, porque eu também... E eu sei que meu marido sempre dizia que eles tinham em mente... Isso aqui foi em cinqüenta...

L.D. - E um.

L.K. - E um. Eles tinham em mente, acho que foi 1952, a Olimpíada de Melbourne, mas o meu marido - isso eu to dizendo o que ele me dizia, não sei - eles diziam o seguinte: “nós éramos gaúchos e gaúchos não tinham vez”. Só carioca e paulista é que iam para essas coisas.

L.D. - O senhor Luis Rovinski nos falou isso.

L.K. - Ah, falou isso, então bom. Assim me dizia o meu marido. E eles não foram. Tinham índice... Eles remavam tanto, treinavam tanto, eles tinham índice para poder concorrer para Melbourne e não mandaram, porque eram gaúchos, aqui de Porto Alegre. Então, bom, isso foi uma grande decepção que eles tiveram, porque eles tinham essa idéia na cabeça. Porque aqui eles ganharam o segundo lugar, quer dizer eles já estavam bem treinados. Bem, não foram! E aí, meu marido foi remando, ainda remou, eu acho até 1954, 1955 por aí. Aí não sei sabe, de repente eles vão cansando, porque é muito exaustivo o remo, tu precisava treinar todos os dias para ter... Não sei se hoje em dia é assim.

L.D. - Para adquirir condicionamento.

L.K. - É, não sei. Mas naquela época era. E meu marido trabalhava com... Ele tinha uma oficina mecânica, entende. Então era um trabalho pesado por si e ainda todos os dias o.

L.D. - O remo.

L.K. - O remo. Então isso foi um pouco... E o Amorim também, o Amorim trabalhava em construção, ele tinha... O pai dele era assim, construtor e ele trabalhava com pai e era ótimo por sinal o Amorim.

L.D. - Como é que era a condição financeira de vocês naquela época assim?

L.K. - Olha, o meu marido naquela época, ainda quando ele remava com o Amorim, ele trabalhava numa, no Ivers<sup>23</sup>, era um uma firma de DKV<sup>24</sup>, ele era especializado em DKV. Ele adorava DKV. Ele estava relativamente bem, porque os pais tinham casa, eles moravam aqui na Américo Vespúcio<sup>25</sup>, ele morava com os pais, Então, o que ele ganhava pra ele era suficiente, o Amorim trabalhava com construção, também com o pai dele, morava também com os pais, depois em seguida casou, ele construiu uma casa muito boa no Lindóia<sup>26</sup> que ele construiu, o Amorim. O Amorim foi assim, ele ficou na parte de cima e o irmão na parte de baixo, o irmão financiou, entende? Mas foi ele que fez a casa toda, ele com o pai dele que fizeram. Uma casa daquelas enorme, bem construída. Então, ninguém era rico, como até hoje ninguém é, mas tinham uma situação razoável.

L.D. - O Barroso exigia alguma coisa de vocês assim? Fora mensalidade?

L.K. - Não, eles era laureados, nem pagavam mensalidade! Eram laureados pelo Barroso, eu acho que nesta pasta aqui, não é aqui que está, vê se não é aqui atrás, o que, que é isso? Sócio laureado!

R.T. - Sócio Laureado!

L.D. - Dona Lídia, a senhora tem uma quantidade de documento histórico aqui impressionante, meu Deus do céu!

L.K. - Isso aqui também. Isso aqui depois eles entregaram para ele, sabe? Atleta gaúcho, não sei se vocês, podem olhar também, eu até quero mandar, estou achando que está no quadro, não está se conservando, sabe? Eu acho que eu vou tirar daí, mas não sei como é, eu teria que ver com alguém para ver se dá...

L.D. - Tem uma museóloga lá na nossa faculdade que trabalha no Centro de Memória<sup>27</sup>, que ela... De repente eu pergunto para ela como é que a senhora pode fazer.

---

<sup>23</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>24</sup> Modelo antigo de carro

<sup>25</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>26</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>27</sup> Centro de Memória do Esporte (CEME)

L.K. - Pergunta para ela. Pois é, eu queria ver se eu consigo limpar um pouquinho isso aqui, é uma pena. A gente pôs em quadro achando que ia.

L.D. - Durar bastante.

L.K. - Durar, mas já vi.

R.T. - Não, mas a intenção foi ótima!

L.D. - E como é que eram as regatas assim, tinha alguém que assistia vocês remando, as mulheres?

L.K. - Sei lá. Os que eram aficcionados do remo, eles estavam sempre em todas as regatas. Se falava em regata, os apaixonados por remo e tinha uma porção, que iam assistir. Mas não era, como é que eu vou te dizer, não é como é hoje que tem aquele, tem lá um posto. Um Parque Náutico... Isso foi muito depois, naquela época não era assim. Lá não sei aonde que saía os mil metros, os quinhentos metros, e tinha uns caras que iam com lancha controlando.

L.D. - As regatas eram longe do centro?

L.K. - Ah, eram longe do centro! É lá no Guaíba, na altura mais ou menos de onde estão esses clubes, aquela sede, mais ou menos de lá ela saía. E a gente ficava no cais assistindo.

L.D. - Ah, tá! Vocês não chegavam... Alguns viam a partida, mas a maioria se concentravam ali.

L.K. - Ah não! A partida ninguém queria ver, a gente queria ver a chegada [risos]. A partida não interessava, a partida era com os caras que controlavam para ver se estava tudo alinhado certinho.

L.D. - E a chegada era onde?

L.K. - A chegada era na altura do cais, eu acho que mais ou menos na altura que é o União hoje, por aí. Não me lembro bem onde que era, mas era por aí.

L.D. - Era no centro então de Porto Alegre?

L.K. - Não é centro não, era mais...

R.T. - Ali perto da ponte?

L.K. - Não, naquela época não tinha ponte.

R.T. - Qual seria uma região próxima?

L.K. - Vamos dizer que saísse talvez na altura da ponte e que iam até onde tinha o cais. Não tinha ponte naquela época ainda, a ponte é mais nova.

L.D. - E a senhora chegou a conhecer os clubes quando eles ficavam ali na Voluntários<sup>28</sup>?

L.K. - Sim. Mas eu aprendi a nadar no GPA.<sup>29</sup> GPA!

L.D. - O GPA ainda tem.

L.K. - E sabe aonde? No Rio Guaíba! Então eles tinham assim uma prancha, eu me lembro, eu tinha assim uns dez anos, onze anos, era guria nova. Eu me lembro que eles tinham assim um estrado, uma coisa assim, flutuante. Então eu... [risos] O professor amarrava uma corda, ele ensinava os movimentos, e era só peito, nada de meter a cabeça dentro d'água, era de cabecinha para fora assim, então a gente ia, ele com a cordinha nos segurando. Imagina! A gente ia e voltava, ia e voltava. Aprendi a nadar, eu aprendi a nadar, eu aprendi a nadar no Guaíba.

---

<sup>28</sup> Voluntários da Pátria, rua localiza no Centro de Porto Alegre

<sup>29</sup> Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre. Originado em 28 de novembro de 1936 da fusão do antigo Ruder-Club Porto Alegre e do antigo Ruder-Verein Germânia. Manteve como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21/11/1888), sendo, por isso, o GPA o clube de remo mais antigo do Brasil.

L.D. - Mas só deixavam vocês nadarem peito?

L.K. - Só peito!

L.D. - Por que vocês eram mulheres?

L.G. - Não! Que nada, não tinha essa discriminação naquela época. É porque eu acho que eles nem conheciam o que, que era, sei lá! Era só nado de peito eu nunca aprendi crawl, eu nunca consegui depois aprender o crawl, que engraçado. E sempre com a cabecinha de fora assim, quando eu vou para piscina hoje, dou show. [risos]

L.D. - E quando foi isso mais ou menos?

L.K. - Olha, eu tinha dez anos eu estou com setenta e quatro, filha! Faz a conta, faz sessenta e quatro anos, sessenta e cinco por aí [risos]. Eu era bem novinha.

L.D. - E tinha bastante meninas e meninos que nadavam lá?

L.K. - Não. Com é que é que eu ia? Está aí uma boa pergunta, não me lembro mais, eu sei que quem me levava era minha mãe, porque minha mãe, ela aprendeu a nadar quando criança.

L.D. - Ah, então ela fez questão.

L.K. - Entende? Então isso era importantíssimo para ela, que nós aprendêssemos a nadar. E ela contava que fugia de casa para nadar, mas lá era piscina térmica, ela morava na Alemanha, é um frio danado. Sempre é frio lá, até no verão é frio. Esse ano foi excepcional, mas geralmente é frio. Então eu me lembro que foi no GPA, não sei se era o professor Black<sup>30</sup> ou...

L.D. - Era um alemão?

---

<sup>30</sup> Karl Black

L.K. - Ah, sim podes crer! Podes crer que era tudo alemão.

L.D. - E vocês tinham uns uniformezinhos?

L.K. - Aonde?

L.D. - No GPA, não tinha uns uniformes que diferenciavam as pessoas que eram iniciantes.

L.K. - Não, não, não. Naquela época não tinha nada, mas olha, estou falando de mais de meio século.

L.D. - Mas é que alguns clubes tinham...

L.K. - Não sei. Eu sei que nós íamos para lá e a gente ia de bonde. Descia lá pela Casa Schmidt, antigamente tinha uma Casa Schmidt, não é do tempo de vocês, vocês não conhecem... Uma maravilha de casa que tinha de tudo assim, era ótimo, a gente comprava. Então a gente descia na Casa Schmidt e aí ia para o tal de GPA. O GPA ficava na Voluntários e a gente entrava pelo GPA e ia nessa prancha que eles tinham atrás, uma prancha que ficava sobre a água e a gente nadava e os caras lá, os professores lá ensinando. Até que um dia eles deixavam a gente, soltavam a cordinha, até que um dia de repente quando tu vias, tu estavas solta sozinha e aí tu tinhas que te virar mesmo.

L.D. - Pois é, a senhora aprendeu então, funcionou.

L.K. - Aprendi, funcionou [risos], mas muito engraçado não sei porque que nunca ensinaram crawl.

L.D. - E a tua mãe pagava alguma coisa para eles?

L.K. - Se pagava? Eu acho que sim, eu acho que a gente pagava o professor. Olha, eu não me lembro, eu era criança, isso era coisa da minha mãe, mas eu tenho a impressão que sim,



que se pagava, mas eu não tenho a menor idéia de quanto, não sei. E depois o Black foi meu professor no Bom Conselho<sup>31</sup>, de ginástica. Professor Black.

L.D. - Como é que eram as ginásticas femininas?

L.K. - Nós fazíamos sempre antes da aula, nós tínhamos uns minutos de ginástica obrigatório, não tinha conversa. Tinha uma, que era Erica Renner<sup>32</sup>, eu me lembro, Erica Renner, não sei se ela ainda existe, mas, ela era assim muito boa na ginástica, ela ia lá para cima, tinha uma escadaria, tinha um patamar e ela ia lá fazer os movimentos e nós no pátio, tudo encarreirado, enfileirado, tudo cada turminha, uma atrás da outra e a gente fazendo os exercícios, e bota os braços para cima e para o lado e se abaixa e se levanta, os exercícios que hoje eu não vejo ninguém fazer.

L.D. - Só as meninas no caso?

L.K. - Bom, naquela época era um colégio feminino. Bom Conselho. Entrei lá em 1941 ou 1942, não me lembro. Saí em 1945, isso eu tenho certeza. E era um m ginásio naquela época, ginásio? Era Ginásio. Era só feminino.

L.D. - Dona Lídia, a senhora se lembra, sei lá, a Prefeitura ou o Governo Estadual dava algum incentivo, assim tipo para o seu marido, ele recebeu alguma homenagem? Ou se o prefeito assistia as Regatas ou Governador se teve alguma ocasião assim?

L.K. - Ah, eu não me lembro, eu acho que nunca assistiu. Isso quem deve saber bem é o Rovinski, porque ele era assim, era da chefia era o “capo”, era o cabeça.

L.D. - O cabeça...

L.K. - É, ele que deve saber essa pergunta ele pode te dizer, eu não me lembro nunca ter visto um governador lá, nem prefeito. De certo tinha, tinha sempre representantes, isso eu sei. Tinha lá o cara de farda, que em geral o coitado era um militar, que ia lá e que

---

<sup>31</sup> Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, fundado em 21 de junho de 1905

<sup>32</sup> Nome sujeito a confirmação

representava o dito cujo. E sempre tinha representante, mas acho que o próprio, não sei se alguma vez chegou a ir lá.

L.D. - A senhora gostava de praticar o remo, a senhora gosta?

L.K. - Eu sempre gostei muito de esporte. Agora não, como é que eu vou te dizer? Eu não sou assim, não me destaco absolutamente, nunca me destaquei em nenhum esporte assim. Mas eu gosto muito de esporte, até hoje faço hidroginástica, as minhas caminhadas, e de vez em quando dou umas nadadinhas lá na piscina. Eu sou sócia da SOGIPA<sup>33</sup>, aqui bem pertinho. É mais fácil. [risos]. É uma das razões que eu não me mudo daqui. Pertinho da SOGIPA, gosto muito de esporte. Mas meu marido era esportista assim, ele tinha paixão mesmo. E meu filho mais velho foi da seleção de basquete aqui do Rio Grande do Sul, mas aí ele entrou na faculdade de medicina e aí minha filha.

L.D. - Para conciliar...

L.K. - Não teve jeito. Ele disse: “Ou eu faço esporte ou eu fico com a medicina”. Ele tinha paixão por medicina...

L.D. - Ele chegou a competir o seu filho?

L.K. - Sim, mas tem um monte de medalha. Ele só ganhava aquelas medalhas com corrente, uns bolão aqui amarelo.

L.D. - Dona Lídia, a sua família em uma história muito interessante. Eu posso dizer que para o nosso Centro de Memória vai ser muito rico. Já falou de natação, para gente vai ser muito...

L.K. – É, mas natação, eu aprendi por diletantismo, eu nunca competi assim em natação.

L.D. - Tem um colega nosso que faz sobre basquete, vai querer entrevistar o seu filho se ele quiser.

L.K. - Ah, é. Claro, claro fala com o Walter sim, é Walter também. O filho mais velho, o outro mais novo não. Tentou todos os esportes possíveis e imagináveis e não deu para nenhum. [risos] Não dá, hoje em dia sim, ele faz academia porque ele tem uma tendência para ser mais gordinho. Então ele faz muita academia para... Mas não se destaca, agora o outro foi para a SOGIPA, ele chegou a participar da seleção não sei se juvenil, como é que, porque ele entrou com dezessete anos na faculdade, acho que é juvenil.

L.D. - Acho que sim. Acho que sim, acho que é juvenil.

L.K. - Não sei. É. Não sei. Participou, jogava assim. Gostava muito de basquete, até tem uma tabelinha aqui fora. [risos]

L.D. - Dona Lídia, eu queria agradecer esse momento que a senhora nos concedeu assim e dizer que para mim foi um prazer muito grande, muito grande, muito grande mesmo eu...

L.K. - [risos] Pois é. Não, é bem interessante vocês terem assim... Olha aqui, aqui estão os...

L.D. - Eu queria ver da possibilidade de voltar aqui para conversar um pouco mais com a senhora.

L.K. - Claro, vocês podem vir, ver essas coisas todas aqui. Eu só não vou é dar para vocês isso aqui, porque isso era uma coisa do meu marido, eu acho que tenho que deixar pros meus netos, entende. Porque se eles um dia quiserem dar pro acervo de vocês, as fotografias e esses recortes de jornal, não tem o menor problema. Mas eu gostaria de deixar para eles. Vocês viram as medalhas do meu marido. Deixa ainda mostrar ligeirinho as medalhas...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Outra coisa de beber, não podia beber, tinha que ter uma vida mais ou menos saudável.

---

<sup>33</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre, fundada em 1867

L.K. - E regrada.

L.D. - Era obrigatório isso?

L.K. – Sim, era. Mas eles se determinaram isso, porque não tinha ninguém comandando os dois, eles se determinavam de dormir muito quando podiam, de levantar cedo, de ir treinar, eles tinham... Era uma coisa deles.

L.D. - E tinha algum reconhecimento assim: “Ah! Lá vai o Walter Karl”?

L.K. - Não! Acho que... Bom, lá no clube sim. Todo mundo sabia. Lá no clube todo mundo conhecia. O Walter, lógico.

L.D. - Mas se tem recorte de jornal é porque tinha...

L.K. - Porque naquela época, tinha um jornalista é..., Túlio De Rose<sup>34</sup>, que tu deves ter ouvido falar, que era um apaixonado por esporte, especialmente o remo, e quando tinha assim, de longe assim pintava alguma coisa, ele largava no jornal.

L.D. - Ai, que legal isso!

L.K. - É, ele era... Ele foi um jornalista assim sabe, que andava sempre atrás de notícias sobre esporte. E sobre o remo, sempre que tinha qualquer coisa ele publicava. E essas fotografias todas aqui eu acho que.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>34</sup> Jornalista do Jornal Folha da Tarde